

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 9, núm. 18 (2022), 268-290

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.12>

Recibido el 14 de marzo de 2022

Aceptado el 16 de agosto de 2022



A contribuição das Rádios Comunitárias na transmissão de informações sobre a COVID-19: estudo das Rádios Comunitárias de Macequece, Sussudenga e Gândwa

The contribution of Community Radios in the transmission of information about Covid-19: Study of the Community Radios of Macequece, Sussudenga and Gândwa

Zavale, Alexandre Dinis

Escola Superior de Jornalismo (ESJ)

alexndrezavala@gmail.com

Xavier, Ninlova

Escola Superior de Jornalismo (ESJ)

xavier.ninlova32@gmail.com

Zavala, Nádia Atália

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

nadiaalexandrezavala@gmail.com

Forma de citar este artículo:

Zavale, A. D., Ninlova, X. & Zavala, N. A. (2022). A contribuição das Rádios Comunitárias na transmissão de informações sobre a COVID-19: estudo das Rádios Comunitárias de Macequece, Sussudenga e Gândwa. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 9(18), 268-290. <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.12>

Resumo:

As rádios comunitárias desempenham uma função importante em épocas de emergência ou de calamidade pública, através da difusão de orientações e informações de interesse colectivo em relação a procedimentos sanitários básicos, na formação da opinião pública comunitária e na promoção da saúde como um direito do cidadão. Para o caso de Moçambique, onde a rádio atinge uma cobertura de 90 por cento da população, torna-se indispensável estudar o papel educativo que este meio de comunicação desempenha na sociedade em tempos de crise. Em épocas de pandemia, como a que se vive hoje, transmitir informações certas, na linguagem certa e por meios certos contribui significativamente para o sucesso das campanhas desenhadas pelas instituições que gerem a saúde. Através do estudo de caso, a pesquisa analisa as rádios comunitárias de Macequece (no Distrito de Manica), Sussundenga (no Distrito de Sussundenga) e Gândwa (no Distrito de Gondola) com o objectivo de compreender a contribuição destas na produção de mensagens sobre a COVID-19, aferir se as mensagens recebidas ao nível macro (Ministério da Saúde, Direcção Nacional da Saúde, Instituto Nacional da Saúde, Direcção Provincial de Saúde) sofrem alguma requalificação discursiva ao nível micro (rádios comunitárias) para que se adequem a realidade local. Através da abordagem mista (pesquisa qualitativa e quantitativa) chegou-se a conclusão de que as rádios comunitárias em estudo contribuem no combate e prevenção da COVID-19, através da transmissão de informações usando uma linguagem que representa o imaginário local, isto é, linguagem que é compreendida e entendida pelas comunidades locais.

Palavras-chave: Rádios comunitárias, comunicação para a saúde, linguagem e discurso.

Abstract:

Community radios play an important role in times of emergency or public calamity, through the dissemination of guidelines and information of collective interest in relation to basic health procedures, in the formation of community public opinion and in the promotion of health as a right of the citizen. In the case of Mozambique, where radio reaches 90 percent of the population's coverage, it is essential to study the educational

role that this means of communication plays in society in times of crisis. In times of a pandemic, such as the one we are experiencing today, transmitting the right information, in the right language and by the right means, contributes significantly to the success of campaigns designed by institutions that manage health. Through the case study, the research analyzes the community radios of Macequece (in Manica's district), Sussundenga (in Sussundenga's district) and Gândwa (in Gondola's district) in order to understand their contribution in the production of messages about the COVID-19, to assess whether the messages received at the macro level (Ministry of Health, National Directorate of Health, National Institute of Health, Provincial Health Directorate) undergo some requalification at the micro level (community radios) so that they adapt to the local reality. Through qualitative research and quantitative analysis, it was concluded that the community radios under study contribute to the fight and prevention of COVID-19, through the transmission of information using a language that represents the local imaginary, that is, a language that is understood and understood. understood by local communities.

Keywords: community radios, communication for health, language and speech.

1. INTRODUÇÃO

Na construção de discursos radiofónicos sobre assuntos referentes à saúde é necessário criar programas que têm estruturas e características que permitem sinergia e relações com o contexto social em que circulam e a capacidade de persuadir os seus ouvintes, com o objectivo de promover mudanças comportamentais e o desenvolvimento comunitário¹. Esta pesquisa nasce com intuito de analisar as informações veiculadas pelas rádios comunitárias sobre a COVID-19² sob o ponto de vista do enquadramento comunitário das mensagens.

¹ De acordo com o ex. Director Geral da UNESCO, Amadou Mahtar Mbow citado pela AMARC. (1998). *O que é a rádio comunitária?* África do Sul: AMARC África e Panos África Austral.

² A COVID-19 é uma doença causada pela infeção pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). A doença manifesta-se predominantemente por sintomas respiratórios, nomeadamente, febre, tosse e dificuldade respiratória, podendo também existir outros sintomas, entre os quais, ofiofagia (dor de garganta) e dores musculares generalizadas.

As Rádios Comunitárias surgiram e se expandiram em Moçambique na segunda metade da década 90 do sec. XX como resultado da democratização do país e da necessidade de prover o cidadão de informações locais, produzidas no local para a comunidade. Segundo o Instituto de Comunicação Social (ICS), rádio comunitária é um serviço de radiodifusão sem fins lucrativos, gerida com a participação da comunidade, responde às necessidades da comunidade, serve e contribui para o desenvolvimento de uma maneira progressiva, promovendo a mudança social, a democratização da comunicação através da participação das comunidades (ICS, 1999).

Estas rádios atendem a três modelos de gestão. Uma geridas pelo Estado através do ICS³, outras pelas organizações da sociedade civil e apoiadas pelo Fórum das Rádios Comunitárias (FORCOM) e, por fim, as geridas pelas igrejas⁴.

Na relação entre as rádios comunitárias, entidades de saúde e comunidades várias questões são colocadas: Como é que as rádios comunitárias transmitem informações sobre a COVID-19? Será que as mensagens produzidas centralmente têm em conta a linguagem e o discurso comunitário? As rádios comunitárias transformam as mensagens recebidas centralmente para responder a realidade comunitária? Quem são as vozes da rádio na transmissão de informação sobre a COVID-19? Existe uma produção conjunta de informações sobre a COVID-19 entre as comunidades, rádios comunitárias e entidades de saúde?

Em Moçambique existem vários estudos que abordam questões referentes ao uso dos meios de comunicação em tempos de pandemia, a título de exemplo, Arlete Mambo e Afonso Vassoa em um artigo abordam o uso da *Comunicação Social em tempo de pandemias: uma análise à eficácia da mensagem veiculada pelos meios de comunicação social na prevenção do COVID-19 em Moçambique*. Neste artigo apresentam uma reflexão na tentativa de responder se a mensagem veiculada pelos meios de comunicação para prevenir e combater a COVID-19 tem estado a produzir os efeitos

³82 Rádios Comunitárias e vários Centros Multimédias e algumas estações de televisões comunitárias geridas pelo ICS. Informação disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1659611>

⁴ 58 Rádios comunitárias as rádios comunitárias geridas pelas organizações cívicas e igrejas. Informação disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1659611>

desejados no contexto moçambicano. O artigo deles conclui que os meios de comunicação social, conjugados aos diversos atores sociais, mostram-se eficientes e adequados como canais de comunicação, porém propõem que haja um trabalho de comunicação virado não só para a sensibilização, mas também para a educação da sociedade para a mudança de comportamento. Numa outra abordagem Teresa Manjate fala “Da comunicação e o seu impacto no contexto da pandemia do COVID-19, em Moçambique”. No artigo a autora apresenta uma reflexão sobre a comunicação pública efetiva e funcional como mecanismo para a mudança de comportamento no contexto da pandemia da COVID-19 em Moçambique.

Esta pesquisa procura compreender como as rádios comunitárias de Macequece (no Distrito de Manica), Sussundenga (no Distrito de Sussundenga) e Gândwa (no Distrito de Gondola), transmitem as informações sobre a COVID-19, tendo em conta o funcionamento, características e particularidades dos discursos que nelas são veiculados, com vista a compreender a contribuição destas na produção de mensagens sobre a COVID-19, aferir se as mensagens recebidas ao nível macro (Ministério da Saúde, Direcção Nacional da Saúde, Instituto Nacional da Saúde, Direcção Provincial de Saúde) sofrem alguma requalificação ao nível micro (rádios comunitárias) para que se adequem a realidade local e se a produção de conteúdos sobre a pandemia atende ao tripé: entidades da saúde; comunidades e rádios comunitárias.

Para tal, partimos do pressuposto de que o discurso toma sentido quando enquadrado num determinado tempo e contexto social, fazendo parte de uma realidade, onde se evidenciam temas, ações, atores e reações. Por outro lado, a pesquisa parte da premissa de que uma rádio comunitária deve ter em conta não só o discurso, mas também a linguagem local, isto é, identificar conceitualmente o que torna as informações de interesse das comunidades.

Em tempos de pandemia, como a que vivemos, transmitir informações usando o discurso certo e a linguagem certa contribui para a prevenção e combate de doenças. Neste caso, o discurso e a linguagem ocupam um papel importante para a percepção dos assuntos por parte das comunidades. Para se alcançar os objectivos propostos

recorreu-se ao estudo de caso e para a coleta de dados entrevistou-se os gestores das três rádios comunitárias.

O artigo apresenta uma breve análise sobre as rádios comunitárias, jornalismo especializado para a saúde, a linguagem e o discurso com o fim último de compreender o papel das rádios comunitárias na transmissão de informações sobre a COVID-19.

2. RÁDIOS COMUNITÁRIAS: CONCEITOS E APLICAÇÕES EM MOÇAMBIQUE

Para a percepção do que é uma rádio comunitária é necessário antes saber o que é comunitário. De acordo com AMARC (1998, p. 15), o termo comunitário refere-se ao “coletivo ou a um grupo de pessoas que partilham características comuns e/ou interesses”. Acrescenta que, neste diapasão, o termo comunidade pode ser definido olhando para dois elementos: (1) baseada em fronteiras geográficas, ou seja, um grupo geograficamente identificado e (2) um grupo social ou setor público que têm interesses comuns ou específicos. Ressalta o mesmo autor (*op. cit.* p.16) que os interesses comuns numa comunidade específica tornam-se, portanto flexíveis e podem ser de carácter social, setorial, secular, político, económico, cultural, etc.

Na mesma perspectiva, Dornelles (2006, p. 106) afirma que “o comunitário se caracteriza pelas “coisas” em comum, pelos laços fortes entre os membros, pelo movimento em torno do coletivo, que supera o individualismo, sendo os protagonistas as pessoas da comunidade”. Acrescenta a autora que o comunitário ajuda a construir uma prática social em que se desenvolvem aptidões associativas e solidárias, vontade de se juntar a outros, de ampliar o exercício da cidadania, de fazer valer o interesse público mediante uma interação baseada na proximidade, não necessariamente só de lugar, mas de interesses e identidades.

Para a autora, não basta falar de coisas do lugar para que um meio de comunicação possa ser considerado comunitário. É preciso compromisso com a realidade concreta de cada lugar. “Os *media* comunitários limitam sua ação em determinada área ou junto a determinado grupo, objetivando garantir uma forma de comunicação à comunidade, de divulgação das reivindicações e protestos da comunidade” (DORNELLES 2006, p. 106).

As rádios comunitárias são exemplo concreto da *media* comunitária, como mecanismo de transmissão de informações e conhecimentos locais para os locais. De acordo com Zavale (2019, p. 97):

a rádio comunitária é aquela que é DA Comunidade, está NA e PARA a comunidade e produz conteúdos SOBRE a comunidade, como um meio de comunicação comunitário capaz de promover a participação e a mobilização das comunidades para a gestão dos bens públicos comunitários, por outro lado, como um meio que promove a participação democrática na produção e gestão de informações comunitárias tendo como base a cultura e a identidade local.

A UNESCO/PNUD-MOZ (2004. p. 9) citando a Associação Mundial das Rádios Comunitárias (AMARC) define rádio comunitária como sendo da comunidade (os membros da comunidade são donos e decidem o conteúdo), feita pela comunidade (têm produtores dos programas que tratam os assuntos comunitários), voltada para a comunidade (os ouvintes). Na mesma perspetiva, o Instituto de Comunicação Social (ICS) de Moçambique define rádio comunitária como sendo aquele serviço de radiodifusão sem fins lucrativos, gerido com a participação da comunidade; responde às necessidades da comunidade, serve e contribui para o desenvolvimento de uma maneira progressiva, promovendo a mudança social, a democratização da comunicação através da participação das comunidades (ICS 1999, p. 5).

As várias emissoras de rádios comunitárias espalhadas em Moçambique passaram a ser verdadeiros lugares da manifestação da democracia comunitária e, ademais, da veiculação das identidades comunitárias. Como advoga AMARC (1998, p. 20) citando Eugénie AW (1995):

A rádio abre o discurso tradicional africano para novos espaços, para a conquista do tempo, para a renovação dos laços de amizade. A fala torna-se assim um componente que constitui o mundo. Não seria de admirar, então, que uma vez a população exige os seus direitos mais básicos, a rádio se torna num sinal dos novos tempos, apesar do facto de que os tempos antigos não parecem ter ficado completamente para trás. (...). A rádio, promotora duma escola de línguas nacionais, duma escola técnica baseada na

experiência africana: a rádio, educadora e reforçadora das vozes das mulheres tantas vezes caladas, não devem ficar na utopia, mas antes numa estratégia efetiva no ar.

Está claro que as rádios comunitárias em África e em Moçambique, em particular, se tornaram em instrumento de massificação das culturas e identidades locais e da solução dos problemas locais a partir da partilha das opiniões e da participação ativa na tomada de decisões sobre os assuntos comunitários.

As comunidades que têm rádios comunitárias recebem não só informações, mas instrumentos que orientam a sua vida diária e o seu relacionamento com os outros. Estes meios de comunicação que produzem conteúdos no local para os locais possibilitam a participação dos “excluídos” na tomada de decisão, aliás, dá poder às comunidades de poderem decidir sobre os seus desígnios. Nesta perspetiva, como afirma AMARC (1998, pp. 20-21), (...) a rádio comunitária é um meio de comunicação particularmente efetivo nas comunidades onde a maioria das pessoas não sabem ler nem escrever. Em contrapartida, essa gente sabe falar e ouvir bem. Acrescenta o autor que estas desempenham um papel vital no desenvolvimento e na democratização, através: (1) da permissão às comunidades de fazerem ouvir as suas próprias experiências e de examinar, de forma crítica, assuntos, processos e programas políticos que afetam as suas vidas e (2) de educar e mobilizar as comunidades envolvidas em iniciativas de desenvolvimento e estratégias que vão resultar numa vida melhor para os ouvintes (educação de votantes, SIDA, governo local, questões sobre género, construção da paz, problemas do ambiente, campanhas de saúde, etc.).

As rádios comunitárias são por excelência lugares da participação comunitária, criam espaços para que as comunidades possam participar na tomada de decisões sobre assuntos de interesse comunitário, acima de tudo para que estas se sintam donas da estação radiofónica. De acordo com Mário, Minnie & Bussiek (2010), a intenção destas rádios aquando da sua instalação foi e é dar voz as comunidades e criar meios alternativos de informação nas zonas rurais, onde não existissem outros meios, além da Rádio Moçambique e, por conseguinte, falta de diversidade de informação.

2.1. LINGUAGEM E DISCURSO INFORMATIVO⁵ DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E A EXPERIÊNCIA DE MOÇAMBIQUE

As rádios comunitárias são veículos de transmissão de informações sobre vários assuntos que preocupam as comunidades. Na transmissão de informações de interesse comunitário as rádios devem usar uma linguagem e um discurso informativo que correspondem ao imaginário das comunidades. Por outro lado, essas informações devem ser entendidas como representantes dos fenómenos sociais, onde temos um emissor, um canal e um recetor⁶. (Chaurdeau, 2003). A este respeito Fairclough (1992, p. 22) afirma que “existe uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, havendo, portanto uma relação entre prática social e estrutura social, em que a segunda é tanto uma condição para a primeira quanto um efeito dela”. Acrescenta a autora (*Ibid*, p. 64) que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que a moldam e a restringem direta ou indiretamente: suas normas e convenções assim como as relações, identidades e instituições que se encontram por trás destas”. O discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo o mundo com base em significados.

Na sua abordagem Fairclough (1992) está preocupado com o alcance que o discurso tem em toda a sociedade, isso só é possível com a inserção do discurso em todas as práticas e eventos sociais dos quais as comunidades participam. A rádio comunitária é, portanto, um desses eventos sociais, um microcosmo da estrutura social abordada por Fairclough (1992). Nela as comunidades, os locutores, os jornalistas e os animadores de cabine,

⁵ El discurso informativo, es una manera de decir las cosas, es un acto de informar, circula por un medio de comunicación y ha construido saber (Charaudeau, 2003), tiene una intencionalidad y una motivación, este discurso no es portador de la verdad, pero busca ser interpretado como veraz y creíble. “El discurso informativo está basado en la finalidad de “dar a conocer”, que depende del modo como son utilizados los saberes de conocimiento y de creencias, y de los efectos de verdad escogidos por el informador” (Charaudeau, 2003, p. 67). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/11057909.pdf>

⁶ A este respeito Valentino e Fino (s/d, p.8) afirmam que “hay que considerar que, en la transmisión del saber, tanto el saber cómo el canal y el receptor de la información no constituyen realidades llanas y sencillas. Por una parte, la Fuente no presenta el saber como algo simple y natural, sino como algo múltiple, compuesto y construido; por otra parte, el canal se constituye en una puesta en escena de la información, por lo cual interviene en la significación y los efectos posibles de quienes la receptan; y, finalmente, el receptor no se presenta como único, sino que lo constituyen grupos variados, con identidades dada por intereses, ocupaciones, profesiones, edades, sexos, niveles educativos, actividades sociales”. Tradução nossa: A este respeito, deve-se considerar que, na transmissão de conhecimento, tanto a fonte, como o canal e o receptor da informação não constituem realidades claras e simples. Por um lado, a fonte não apresenta o conhecimento como algo simples e natural, mas como algo múltiplo, composto e construído; por outro lado, o canal constitui-se numa encenação da informação, pois intervém no sentido e nos possíveis efeitos de quem a recebe; e, por fim, o destinatário não se apresenta como único, mas é composto por diversos grupos, com identidades dadas por interesses, ocupações, profissões, idades, sexos, níveis de escolaridade e atividades sociais.

engajam-se em práticas sociais, negociando significados e construindo o mundo, ao mesmo tempo em que também são construídos por ele.

Para a transmissão de informações sobre saúde, como é o caso da COVID-19, as rádios comunitárias precisam recorrer a linguagem, pois esta é responsável pelo processo de interação no mundo social. A interação entre as pessoas e instituições ocorre num determinado contexto social, que dita o que diz? Como diz? A quem diz? Com que meio diz? Quem diz? Em que situação diz? Com que objetivo diz? Que tipo de linguagem usa para dizer? Como constrói o discurso para dizer? Com que efeito diz?

Vários estudos têm sido desenvolvidos em Moçambique que retratam a importância da linguagem no processo comunicativo comunitário, a título de exemplo, Alves (2005, p. 33) afirma que a utilização de línguas autóctones é um dos fatores determinantes para a edificação de um órgão de comunicação identitário do grupo a que pertence. Acrescenta que os programas produzidos por esses órgãos são maioritariamente na língua ou línguas locais dos grupos étnicos predominantes, e com alguns programas na língua nacional, *com o objectivo de transmitir as informações tendo em conta a cultura e a identidade comunitária, enfim o imaginário comunitário sobre os assuntos comunitários (grifo nosso)*. Na mesma linha de pensamento Mkaima (2011, p.12) afirma que a língua é o código para que haja receção no envio das mensagens. Assim sendo as rádios comunitárias transmitem informações numa ou mais línguas locais, visto que nem toda a população fala português e as línguas locais são meios de fazer chegar as mensagens mantendo contacto com o povo.

Partindo das análises dos autores se pode afirmar que o sucesso do discurso informativo radiofónico só será eficaz e eficiente quando tiver em conta as especificidades das comunidades onde atuam, por outro lado esse discurso informativo deve ter em conta a linguagem comunitária.

2.2. JORNALISMO ESPECIALIZADO EM SAÚDE: O CASO DE MOÇAMBIQUE

Os meios de comunicação sejam de massa, locais, regionais ou comunitários, exercem um papel importante na comunicação para a saúde. Hoje, e na situação em que nos

encontramos da pandemia da COVID-19, os *media* e os jornalistas de saúde têm sido verdadeiros aliados na informação e educação da sociedade sobre as boas práticas de saúde. Para Teixeira (2004, p. 615) entende-se por comunicação para a saúde todo o “estudo e a utilização de estratégias de comunicação para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem a sua saúde.” Na mesma linha de pensamento Renaud e Sotelo (2007, p. 215), afirmam que a comunicação em saúde é todo “o estudo e utilização de estratégias de comunicação interpessoais, organizacionais e mediáticas destinadas a informar e influir nas decisões individuais e coletivas propícias à melhoria da saúde”.

Numa definição mais abrangente Schiavo (2007) define a comunicação para a saúde como uma abordagem multifacetada e multidisciplinar que visa atingir diversas audiências e partilhar informações relacionadas com a saúde com o objetivo de influenciar, engajar e apoiar indivíduos, comunidades, profissionais de saúde, grupos especiais, legisladores e o público no sentido de introduzir, adotar um comportamento, prática ou política que, em última análise, melhorem os resultados de saúde.

Os jornalistas de saúde, diferentemente de outros jornalistas devem ter a capacidade de transformar a linguagem técnica proferida pelos profissionais de saúde em uma linguagem simples e que seja de entendimento das suas audiências, para tal devem trabalhar diretamente com os profissionais de saúde. A este respeito Ramírez (2010, p. 9), afirma que:

En este caso se precisa, por tanto, de la labor de un periodista especializado que haga de interlocutor entre los expertos y los no expertos. Se trata, por tanto, de una tarea periodística convirtiéndose así la información especializada en una información “periodística”.

Para Garcia & Eiró-Gomes (2021); Bussotti (2021) e Langa (2021) a eclosão da COVID-19, em 2020, instalou inúmeros desafios para os jornalistas que trabalham na área da Comunicação para a Saúde, devido a necessidade de divulgar informações úteis sobre o novo corona-vírus de forma célere mesmo meio as pressões políticas e sociais, fraco

nível de informação da população sobre a doença, dificuldades na tradução da mensagem para as línguas locais.

A estes constrangimentos pode ser acrescentado o facto de maior parte do jornalismo moçambicano ser caracterizado por uma abordagem generalista dos assuntos, isto é, jornalistas que não possuem conhecimentos especializados das diversas temáticas que cobrem no quotidiano, facto que contribui para o tratamento superficial de assuntos como é o caso do novo coronavírus, , problema que se agrava ainda nas rádios comunitárias pela falta de recursos para explorar as diversas plataformas de informações disponíveis. Como refere Bussotti (2021, p. 4):

A distância entre as informações disponíveis e as notícias que a imprensa veicula é grandíssima. Existe um “armazém noticioso” não aproveitado pela mídia, demonstrado pelo fato de a imprensa geralmente ignorar textos de cientistas moçambicanos, publicados em revistas internacionais (...)

No caso das rádios estudadas foi notório que cabe aos profissionais de saúde a missão de traduzir a linguagem técnica em linguagem de compreensão comunitária, como atesta a fala abaixo:

Em relação a linguagem técnica temos olhado para aquilo que o médico pode explicar. Sempre pedimos para que expliquem de modo a que aqueles (ouvintes) que não percebem bem a língua portuguesa possam perceber. Ele (médico) tem trabalhado de modo a desfazer a linguagem técnica. Depois disso o locutor, ou jornalista traduz o que o médico disse para a língua local, tendo em conta que a linguagem técnica foi trabalhada para não ser uma barreira de comunicação com as comunidades.

Nesse âmbito, uma discussão muito presente neste tempo é a forma como as informações sobre a pandemia são veiculadas nos meios de comunicação, isto obriga os jornalistas a estender o seu saber para além dos aspetos sociais, mas também para a especialização sobre a elaboração de conteúdos sobre assuntos que tem a ver com a saúde.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender como as rádios comunitárias contribuem na transmissão de informaoes para a prevenao e combate a COVID-19 a presente pesquisa recorre ao estudo de caso, que de acordo Yin (1994, p. 13),  uma abordagem metodológica de investigaao especialmente adequada, quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Nesta perspectiva, o estudo de caso serviu como base para dar resposta a “como” as rádios comunitárias criam, estruturam e codificam o discurso informativo sobre a COVID-19, tendo em conta a linguagem comunitária, por outro lado, interessa perceber “como?” as rádios comunitárias funcionam estrategicamente para a produao e divulgaao de informaoes estruturadas de acordo com o discurso e a linguagem comunitária, com vista a contribuir para a mudança de comportamento e tomada de decisões sobre o combate ao corona-vírus e a promoao de boas práticas de saúde.

A abordagem de análise  do tipo misto. De acordo com Zavale (2019, p. 44) citando Goldenberg (2004:62), numa dada pesquisa pode se fazer o cruzamento entre a pesquisa qualitativa e quantitativa. Para a autora, “a integraao da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situaao particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos.” Fundamenta a autora (op.cit. p. 63) que “enquanto os métodos quantitativos pressupõem uma populaao de objetos de estudo comparáveis, que fornecer dados que podem ser generalizáveis, os métodos qualitativos poderão observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituiao experimental, concretamente, a realidade pesquisada.

Para a análise de dados optou-se pelo método de Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2011, p. 47),  “um conjunto de técnicas de análise das comunicaoes visando a

obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou qualitativos)” que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Para a melhor percepção do fenómeno os pesquisadores deslocaram-se aos escritórios das rádios comunitárias e na entrevista com os gestores foram colocadas 6 questões: Quanto programas a rádio emite sobre COVID-19?; Como é que as rádios comunitárias transmitem informações sobre a COVID-19? Será que as mensagens produzidas centralmente têm em conta a linguagem e o discurso comunitário? As rádios comunitárias transformam as mensagens recebidas centralmente para responder a realidade comunitária? Quem são as vozes da rádio na transmissão de informação sobre a COVID-19? Existe uma produção conjunta de informações sobre a COVID-19 entre as comunidades, rádios comunitárias e entidades de saúde?

Fruto das questões de pesquisa, da revisão da literatura e da metodologia elaborou-se dois operadores analíticos: Rádios comunitárias e programas sobre COVID-19: uma análise comparativa; As vozes das rádios comunitárias sobre a COVID-19.

A análise dos dados baseia-se nas respostas as entrevistas efetuadas aos gestores das 3 rádios. Essas respostas ofereceram elementos capazes de apontar como estas participam na transmissão, produção e requalificação de mensagens sobre a pandemia do novo corona-vírus tendo em conta a linguagem e o imaginário comunitário

4. LINGUAGEM E DISCURSO INFORMATIVO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS DE MACEQUECE, SUSSUDENGA E GÂNDWA SOBRE A COVID-19

O sucesso das rádios comunitárias assenta, basicamente, na forma como estas lidam com os assuntos comunitários. Para tal, é necessário que a rádio escreva, transmita, informa, entretenha tendo como base o imaginário comunitário. A Rádio Comunitária de Macequece situa-se no Distrito de Manica, emite na frequência 100.8 Mhz FM em Chimánika, Shona, português e Chiuté. A Rádio Comunitária de Sussundenga situa-se no Distrito de Sussundenga emite na frequência 99.6 Mhz FM, em português, Chiuté e Chimánika e a Rádio Comunitária Gândwa está no Distrito de Gondola e opera através da frequência 97.3 Mhz FM.

As três rádios têm uma gestão diferenciada, a de Sussundenga e de Gândwa⁷ são geridas pelo ICS, enquanto a de Macequece é gerida pela sociedade civil através de um comité de gestão. Com o surto da pandemia da COVID-19 houve uma transformação na grelha de programas das rádios. Os assuntos sobre a COVID-19 passaram a ser as de destaque. Foram traçadas campanhas radiofónicas com vista a mobilizar as comunidades para a prevenção e combate ao coronavírus. As rádios em análise apresentam nas suas grelhas de programas rubricas que abordam a questão do corona-vírus.

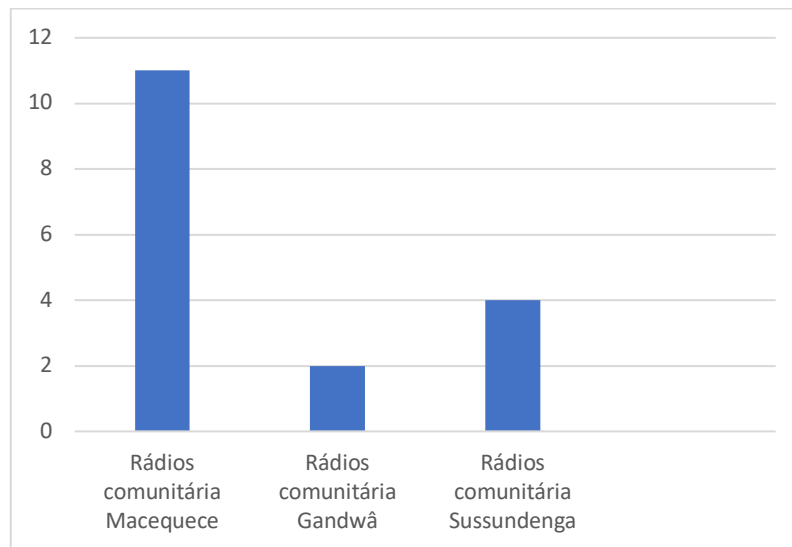
Para compreender a contribuição das Rádios Comunitárias na transmissão de informações sobre a COVID-19, foram definidos dois operadores analíticos: rádios comunitárias e programas sobre COVID-19: uma análise comparativa e as vozes das rádios comunitárias sobre a COVID-19. Estes operadores foram definidos tendo em conta o objectivo do artigo, os operadores teóricos e o trabalho de campo.

4.1. RÁDIOS COMUNITÁRIAS E PROGRAMAS SOBRE COVID-19: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

As rádios comunitárias jogam um papel importante no processo de comunicação para a saúde, através da produção de conteúdos de comunicação e mobilização para o combate e prevenção de doenças. Nesse processo, as rádios não só produzem conteúdos, mas também os produzem nas línguas locais assim contribuindo para o entendimento das comunidades que não dominam as línguas oficiais. Neste caso, as rádios em estudo produziram 17 (dezassete) programas sobre a COVID-19, distribuídos da seguinte forma: Macequece 11 (onze); Gândwa 2 (dois) e Sussundenga 4 (quatro). Para além dos programas radiofónicos as rádios em estudo também passam propagandas falando das formas de prevenção e combate a pandemia da COVID-19. O gráfico abaixo resume o número de programas por rádio comunitária.

⁷ Podemos designar estas por rádios comunitárias públicas, uma vez que a sua gestão é feita pelo Estado através do ICS.

Gráfico 1. Número de programas por rádio comunitária



Fonte: Elaboração dos autores.

A Rádio Comunitária de Macequece transmite um total de 11 programas sobre COVID-19, estes são transmitidos nas línguas: portuguesa, *Chimanika* e *Chiuté*. Para além dos 11 programas, a rádio conta com 19 *spots* publicitários sobre a pandemia da COVID 19. De referir que as mensagens sobre COVID-19 são maioritariamente produzidos na língua portuguesa cabendo às rádios traduzi-las para as línguas locais. A este respeito, o responsável da rádio comunitária Macequece afirmou: “*nós temos recebido briefing (na forma de brochuras, decretos, documentos e panfletos). Cabe à rádio censurar estes documentos e transformá-los em conteúdos radiofónicos e posteriormente traduzi-los para as línguas locais*”.

Partindo desta fala pode-se notar que há uma preocupação em adequar as mensagens sobre COVID-19 a realidade local por parte da rádio, como afirma AMARC (1998, p. 20), “(...) a rádio comunitária é um meio de comunicação particularmente efetivo nas comunidades onde a maioria das pessoas não sabem ler nem escrever. Em contrapartida, essa gente sabe falar e ouvir bem”, porém a grande limitação centra-se no facto de a rádio não ter jornalistas especializados em matérias de saúde, isto obriga que maior parte do tempo os programas sejam assistidos pelo pessoal da saúde. Aqui contraria de alguma forma a visão do jornalismo especializado para a saúde, uma vez

que as mensagens voltam a serem retransmitidas numa linguagem que pode não ser acessível às comunidades.

Por sua vez, a Rádio Comunitária Gandwa tem na sua grelha 2 programas fixos sobre COVID- 19 e também realiza vários debates em torno deste mal como afirma a coordenadora da rádio *“temos o programa de saúde, neste momento, temos priorizado assuntos sobre à COVID-19. Nestes programas procuramos explicar aquilo que são as medidas de prevenção e combate a esta doença. Por semana lutamos para fazer dois debates e, há vezes, que acabamos fazendo três. Por exemplo, agora que os casos dispararam, não estamos a seguir a grelha, porque foi mexida. Estamos preocupados em informar a comunidade para se prevenirem dessa doença”*.

A Rádio Comunitária Gândwa transmite os seus programas em três línguas, nomeadamente português, *Sena* e *Chiuté*. Os conteúdos sobre a COVID-19 são inicialmente produzidos na língua portuguesa cabendo às rádios a missão de traduzir para as línguas locais, como advoga a coordenadora da rádio *“no início só traduzíamos aquilo que recebíamos da sede. Porque em algum momento eles mandavam spots de 2 ou 3 minutos e nós acabávamos por ver que eles juntaram muita coisa, por isso tomamos a iniciativa de dividir os spots e grava-los em português, Chiuté e Sena”*. Partindo destas falas pode se notar que há uma preocupação da rádio em transformar as mensagens recebidas centralmente sobre a COVID-19 para o discurso comunitário através da adequação da linguagem para a percepção comunitária. A este respeito Charaudeau (1997, p. 37) (nossa tradução) afirma que *“a linguagem é simultaneamente o que permite estabelecer trocas entre os membros de um determinado grupo social, construir a identidade desses membros como sujeitos falantes e, nessas trocas, construir um sentido simbólico por meio da palavra enunciada uma vez que não há outro significado além da simbolização”*.

Por fim, a Rádio Comunitária de Sussundenga produz 4 programas sobre a COVID-19, além de *spots* publicitários sobre a prevenção e combate ao coronavírus. De acordo com o representante da rádio os programas *“são produzidos localmente e centralmente pelo ICS. Esses programas (produzidos centralmente), quando chegam aqui são traduzidos*

para as línguas locais para facilitar a sua compreensão pelas comunidades. Os conteúdos sobre a COVID-19 são transmitidos em três línguas, nomeadamente; português, chimanika e chiuté”.

Partindo das análises dos intervenientes pode-se concluir que há uma preocupação das rádios em traduzir as mensagens recebidas centralmente para a compreensão das comunidades e assim contribuir para a prevenção e combate a COVID-19. Porém, a rádio Macequece, embora apresente um número considerável de programas relativamente as outras duas rádios, enfrenta problemas com a tradução de assuntos referentes a saúde por falta de jornalistas especializados em saúde e de uma fraca participação das entidades de saúde na produção de conteúdos sobre a COVID 19, como afirma o seu coordenador:

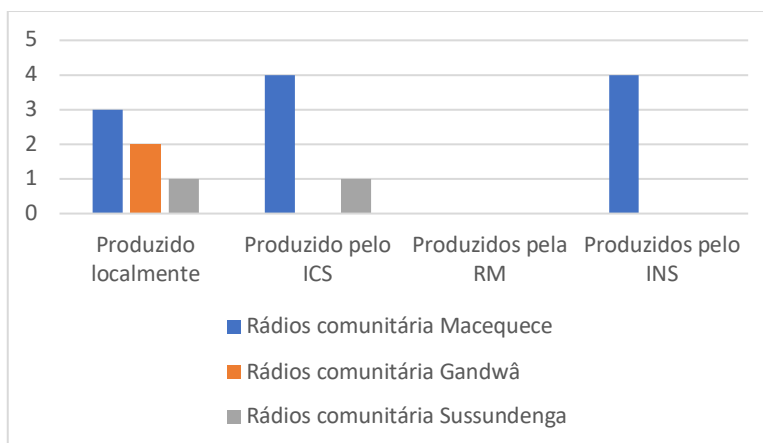
O nosso grande problema no trato de assuntos referentes a COVID 19 prende-se com a falta de especialista que entende da matéria para produzirmos programas que espelham a realidade local. O que acontece é que o pessoal da saúde nos fornece brochuras e a partir delas produzimos os nossos programas, cabe ao pessoal da editoria de saúde em coordenação com os jornalistas que falam as línguas nacionais, pegar nessas brochuras e traduzi-las para essas línguas, isso é difícil na medida em que há termos técnicos que as vezes necessitam de explicação, o que obriga-nos a procurar os agentes da saúde para nos explicarem..

As três rádios, quanto a produção de conteúdo, seguem o mesmo figurino que se baseia na tradução de informações centralmente recebidas para as línguas locais com vista a satisfazer as necessidades da audiência. O gráfico 2 indica a origem dos programas sobre COVID -19 nas três emissoras comunitárias de rádio.

No entanto, ao analisar-se com mais cuidado as três rádios, pode-se concluir que elas comportam vários programas direcionados ao desenvolvimento local. Porém, assuntos referentes ao coronavírus passaram a ocupar a hierarquia da programação destas emissoras. O discurso informativo das rádios comunitárias, em estudo, manifesta-se pela transformação das mensagens recebidas centralmente em programas radiofónicos locais, transmitidos em línguas locais e que espalha o imaginário social local. Percebe-

se que as rádios procuram produzir programas informativos que relacionam o discurso local, o contexto da produção e a linguagem local, com o objetivo de conseguir o engajamento das comunidades na prevenção e combate a COVID- 19.

Gráfico 2. Origem dos programas sobre COVID-19.



Fonte: Elaboração dos autores.

4.2. AS VOZES DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS SOBRE A COVID-19

A implantação das rádios comunitárias em Moçambique trouxe uma nova dinâmica social, passou a dar voz às comunidades, ser o instrumento da visibilização da cultura das comunidades, acima de tudo, um lugar de participação comunitária. As várias emissoras de rádios comunitárias espalhadas em Moçambique passaram a ser verdadeiros lugares da manifestação da democracia comunitária e, ademais, da veiculação das identidades comunitárias.

Nesta perspectiva, AMARC (1998, p. 20) citando Eugénie AW (1995) afirma que :

A rádio abre o discurso tradicional africano para novos espaços, para a conquista do tempo, para a renovação dos laços de amizade. A fala torna-se assim uma componente que constitui o mundo. Não seria de admirar, então, que uma vez a população exige os seus direitos mais básicos, a rádio se torna num sinal dos novos tempos, apesar do facto de que os tempos antigos não parecem ter ficado completamente para trás. (...). A rádio, promotora duma escola de línguas nacionais, duma escola técnica baseada na experiência africana: a rádio, educadora e reforçadora das vozes das mulheres tantas vezes caladas, não devem ficar na utopia, mas antes numa estratégia efectiva no ar.

O discurso informativo das rádios comunitárias é feito pelos locais para os locais, usando uma linguagem comunitária. Na transmissão de informações comunitárias a voz que transmite ganha relevo para a aceitação ou não do que é dito, ou seja, as comunidades acreditam nas suas pessoas. Isto se revela pela importância a que se dão as vozes locais para a transmissão de informação sobre COVID-19.

As três rádios apresentam uma diversidade de vozes quando se fala da transmissão de informações sobre a COVID-19.

A Rádio Comunitária Macequece tem programas sobre saúde, desenvolvidos pelo grupo responsável pela editoria de saúde, e é nesses programas onde agentes de saúde, voluntários da saúde na comunidade, jornalistas e locutores falam dos assuntos referentes à COVID-19. De referir que estas entidades participam na produção e transmissão de conteúdos sobre o novo coronavírus.

A Rádio Comunitária Gândwa também apresenta programas sobre saúde que tratam assuntos sobre COVID 19, tal como a de Macequece, esta rádio tem a participação da comunidade através dos seus líderes comunitários que são convidados para a rádio para tratar de assuntos sobre a saúde e especial sobre a COVID -19, para além dos líderes comunitários aquela estação comunitária conta com a intervenção dos técnicos de saúde, dos voluntários sanitários comunitários bem como dos próprios jornalistas. A Rádio Comunitária Sussundenga apresenta a mesma estrutura de programação e relacionamento com a comunidade da Rádio Comunitária Gândwa, isso se explica por estas duas fazerem parte das rádios comunitárias geridas pelo ICS.

5. CONCLUSÃO

As rádios comunitárias jogam um papel importante na transmissão de informações sobre a COVID- 19. O estudo concluiu que as três rádios produzem conteúdos sobre a COVID-19 e procuram transmitir o imaginário comunitário através da adequação da linguagem e do discurso a realidade local.

Embora, grande parte dos programas sejam traduzidos do português para as línguas locais percebe-se que há uma preocupação de fazer com que esse discurso informativo

tenha figuras locais, um léxico local e espelhe a realidade local. Pode-se dizer que as rádios comunitárias são uma ferramenta importante para a prevenção e combate a COVID-19 nas comunidades rurais. São verdadeiras transmissoras de informações que contribuem para a mudança de comportamento por parte das comunidades.

Em suma, as rádios comunitárias estudadas expressam o quotidiano das comunidades através de códigos que sintetizam valores, sentimentos, ideias e conceitos do contexto histórico onde estão inseridas. Na transmissão do discurso informativo sobre a COVID-19, as rádios comunitárias usam uma linguagem simples para que seja compreendida pelas comunidades, sem atingir a vulgaridade, sempre buscando a empatia e o entendimento entre estas e a comunidade. Por outro lado, buscam uma multiplicidade de vozes locais para a transmissão das mensagens sobre a pandemia.

6. BIBLIOGRAFIA

Alves, A. M. V. (2005). *As rádios comunitárias em Moçambique Estudos de caso*. Dissertação de mestrado em estudos africanos, faculdade de letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://cutt.ly/mMce70L>

AMARC (1998). *O que é a rádio comunitária? – Um guia Prático*. AMARC África e Panos África Austral.

Bussotti, L. (2021). A cobertura das doenças não transmissíveis em Moçambique: caso do jornal Notícias (2006-2018). *Saúde e Sociedade*, 30. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021190308>

Charaudeau, P. (2003). *El discurso de la información. La construcción del espejo social*. 1ª ed. Barcelona: Gedisa. Traducción: Margarita Mizraji. Título original: (1997). *Le discours d'information médiatique*. Paris: Nathan/Her.

Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

ICS (1999). *Estratégias para o desenvolvimento das rádios comunitárias em Moçambique*. Maputo.

Jane, T. J. (2006). Comunicação para o desenvolvimento: o papel das rádios comunitárias na educação para o desenvolvimento local em Moçambique, tese apresentada na Universidade Metodista Unida de São Paulo, Brasil. Disponível em <https://cutt.ly/eMcy2BL>

Langa Seth, D. A. (2021). Tradução dos termos sobre corona-vírus/COVID-19: Problemas e desafios. Fórum Linguístico. Disponível em <https://cutt.ly/qMculTX>

Lopes, F., Araújo, R., & Magalhães, O. (2021). Covid-19: uma pandemia gerida pelas fontes oficiais através de uma comunicação política. *Comunicação e sociedade*, 40, 17-32. Disponível em <http://journals.openedition.org/cs/5810>

Mkaima, R. d. (2011). As rádios comunitárias em Moçambique: Contributo para uma análise. Dissertação submetida como requisito para a obtenção do grau de mestre em comunicação, cultura e tecnologia de informação, no Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.

Projecto de Desenvolvimento dos Media UNESCO/PNUD MOZ 01003. Outubro (2004).

Rádios Comunitárias e Educação Cívica Eleitoral: a experiência das rádios comunitárias nas eleições municipais de 2003 em Moçambique, casos concretos de: Dondo, Chimoio e Cuamba.

Ramírez Esteve, F. (2010). Fundamentos de la especialización periodística. Em I. Camacho Markina (Org.). *La especialización en el periodismo: formarse para informar* (pp. 7-22). Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.

Renaud, L., & de Sotelo, C. R. (2007). Comunicación y Salud: paradigmas convergentes. *Observatorio (OBS*)*, 1(2).

Schiavo, R. (2007). *Health Communication: From theory to practice*. São Francisco (CA): Jossey-Bass

Tavares, F. d. M. B.(2009). O Jornalismo Especializado e a especialização periodística. *Estudos em Comunicação*, 5, 115-133.

- Teixeira, J. A. C. (2004). Comunicação em saúde: relação técnicos de saúde-utentes. *Análise Psicológica*, 22(3), 615-620.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi-2ed-Porto Alegre, Bookman.
- Yin, R. K. (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2a Ed). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- van Dijk, T. (1999). *Ideología. Una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa.
- van Dijk, T. (2008). *Discurso e Poder*. J. Hoffnagel & K. Falcone (orgs). São Paulo: Contexto.
- Zavale, A. D. (2019). *Parcerias entre Rádios Comunitárias e Municípios como estratégia de gestão municipal compartilhada. Estudo de caso dos Municípios da Cidade de Chimoio, da Vila de Sussundenga e das Rádios Comunitárias de Sussundenga e GESOM. Tese (doutorado)-Curso de Comunicação, Media e Cultura, Universidade Autónoma de Barcelona, Barcelona.*